

Fabiana Rodrigues Soares de Sousa

A Homeopatia:
uma visão histórica e de saúde pública

Universidade Fernando Pessoa
Faculdade de Ciências da Saúde

Porto 2012

Fabiana Rodrigues Soares de Sousa

A Homeopatia:
uma visão histórica e de saúde pública

Universidade Fernando Pessoa
Faculdade de Ciências da Saúde

Porto 2012

Fabiana Rodrigues Soares de Sousa

A Homeopatia:
uma visão histórica e de saúde pública

Assinatura:

(Fabiana Rodrigues Soares de Sousa)

Trabalho apresentado à Universidade Fernando
Pessoa como parte dos requisitos para a obtenção do
grau de Mestre em Ciências Farmacêuticas.

Orientadora:

Professora Doutora Judite Gonçalves de Freitas

Universidade Fernando Pessoa

Porto 2012

Resumo

A ideia de curar assenta em dois princípios diferentes, enquanto um dos princípios defende a cura provocando uma ação diferente no organismo -“*contraria contrariis curantur*”-, outro dos princípios salienta a cura provocando uma ação semelhante no organismo - “*similia similibus curantur*”. É a partir destas leis que vieram a desenvolver-se dois sistemas terapêuticos denominados por alopatia e homeopatia. A homeopatia, fundada por Samuel Hahnemann no final do século XVIII, volta a trazer à ordem do dia a ideia de “curar o mal pelo mal” ou a *Lei dos Semelhantes*. É Samuel Hahnemann quem descobre o mecanismo de aplicação e a sua utilização científica na cura dos doentes, após experiências e observações frequentemente renovadas, fazendo variar as condições da experiência para um mesmo medicamento: a idade, o sexo, as doses, etc. A homeopatia é controversa por causa do uso de medicamentos altamente diluídos ou os infinitesimais. Esta torna-se popular no século XIX e em parte deve o seu sucesso às epidemias que aconteceram nessa época, os fracassos da medicina oficial e os êxitos da homeopatia. O seu sucesso diminui durante grande parte do século XX, mas volta à ribalta no final dos anos 20 em muitas partes do mundo. Apesar da longa história da controvérsia científica, a homeopatia tem-se mostrado resiliente e, nos nossos dias, geograficamente muito difundida.

Abstract

The idea of healing is based on two different principles, while a principle advocates healing triggering a different action in the body - "*contraria contrariis contantur*" - another point the cure inducing a similar action in the body - "*simila similibus curantur*". It is from these two laws that was developed therapeutic systems named allopathy and homeopathy. Homeopathy was founded by Samuel Hahnemann in the late eighteenth century, which brings back to mind the idea of "cure evil with evil" or the Law of Similar. He discovered the application mechanism and its scientific use in treating patients following experiences and observations often renewed by varying the conditions of the experiment for the same drug: age, sex, doses, etc.. Homeopathy is controversial because of the use of highly diluted drugs or infinitesimal. It became popular in the nineteenth century and partly owes its success to epidemics that occurred at that time, the failures of official medicine and successes of homeopathy. Its success decreases during a great portion of the twentieth century, but regain its reputation and success in the late 20s in many parts of the world. Despite the long history of scientific controversy, homeopathy has proven resilient and now geographically widespread.

Agradecimentos

Chegados, ao fim deste longo percurso e olhando para trás, sinto vontade e o dever moral de agradecer a todos que, diretamente ou indiretamente, contribuíram com os úteis ensinamentos que me acompanharão pela vida fora.

Começo por agradecer à minha orientadora Professora Doutora Judite de Freitas, pela disponibilidade, dedicação, empenho e ajuda na elaboração da tese.

Quero ainda mencionar os docentes do Curso de Ciências Farmacêuticas da Universidade Fernando Pessoa - Faculdade Ciências da Saúde.

À minha família e namorado, pelo carinho, compreensão e apoio incondicional em todos os momentos.

Às minhas duas especiais amigas que contribuíram para a realização deste trabalho e me apoiaram de forma incondicional.

Um muito sentido e agradecido Bem Hajam!

Índice

Introdução	9
Capítulo I – Raízes históricas da Homeopatia	11
1.1 - Hipócrates, Galeno e Paracelso	11
1.2 - Christian Friedrich Samuel Hahnemann: vida e obra	16
Capítulo II – A diferentes medicinas alternativas	23
2.1 - Homeopatia	23
2.1.1 - Origem da Homeopatia	24
2.2 - Fitoterapia	28
2.3 - Alopacia	30
Capítulo III – A Homeopatia na Europa	32
3.1 – Homeopatia na França	32
3.2 – Homeopatia no Reino-Unido	33
3.3 - Homeopatia em Portugal	35
3.4 - Homeopatia na Holanda	39
3.5 - Homeopatia Espanha	39
Capítulo IV – A Homeopatia pelo resto do mundo	41
4.1 - Homeopatia na Ásia	41
4.2 - Homeopatia na América Latina	41
4.3 - Homeopatia nos Estados Unidos da América	42
4.4 - Homeopatia na Austrália	43
Conclusão	44

Referências 46

Lista de Abreviaturas

a.C. – antes de Cristo

ACL - Academia das Ciências de Lisboa

BHS - Sociedade Britânica Homeopática

ECH - European Committee for Homeopathy

EUA - Estados Unidos da América

INFARMED – Autoridade Nacional do Medicamento e Produto de Saúde, I.P.

IHA - International Hahnemannian Association

INHF - Institut National Homéopathique Français

I.P. – Instituto Público

Km – Quilómetros

ml – Mililitros

nº - Número

p. – Página

pp. – Páginas

SHP - Sociedade Homeopática de Portugal

WHN - Whole Health Now

Introdução

Ao farmacêutico cabe o papel de preparar, conservar e fazer chegar ao mercado nas melhores condições os medicamentos, aconselhando o doente do uso correto e racional dos mesmos.

Cabe-lhe ainda a árdua tarefa de se manter constantemente atualizado tanto técnica, como cientificamente, estando assim preparado, para qualquer dúvida que possa ser suscitada pelos doentes ou qualquer outro profissional de saúde. Podemos assim considerar que o farmacêutico é o técnico do medicamento por excelência.

Na sociedade atual o recurso às medicinas alternativas tem vindo a acentuar-se paulatinamente frente à hegemonia da medicina e farmácia tradicionais. Foi precisamente este facto que nos levou a escolher como tema do nosso projeto de dissertação a Homeopatia, no sentido de aprofundar o nosso conhecimento sobre as respetivas origens, métodos e princípios.

A homeopatia é um saber, uma ciência e uma arte médico-farmacêutica específica que se propõe conceder ao ser humano condições físicas e mentais para que de modo livre possa atingir os seus mais altos desígnios por meio de leis e princípios estabelecidos e segundo uma técnica e uma arte próprias.

A homeopatia trata a pessoa por inteiro e não apenas os sintomas corporais, uma vez que mente e corpo se encontram em estreita ligação. Os sintomas não podem ser tratados sem que se compreenda a constituição do indivíduo, bem como o seu carácter (Lockie, 2001).

É do equilíbrio do corpo e da mente que depende a nossa saúde, que por sua vez depende de uma “força vital”, reguladora das capacidades orgânicas de autocura (Lockie, 2001).

É à Grécia e à Roma antigas que remontam as práticas médicas racionais originais da homeopatia (cura pelo semelhante), bem como os seus princípios (Lockie, 2001).

Durante séculos, os médicos profissionais procuraram práticas do género da homeopatia, Hipócrates e Paracelso fizeram descobertas que continuam a influir nesta, mas somente no final do século XVIII se verifica um avanço concertado e aprofundado desta disciplina.

Como iremos demonstrar, a história da homeopatia começa com as descobertas do seu fundador, Samuel Hahnemann (1755-1843), um médico alemão. Hahnemann cunha a palavra homeopatia (*homois* em grego significa «semelhante», *pathos* significa «sofrimento, doença»), para se referir ao princípio farmacológico, a lei dos semelhantes, que é a sua base, anteriormente enunciada por Hipócrates e Paracelso (Ullman, 1988).

Hahnemann por sua vez defendia que todo o composto ativo provoca no organismo algo semelhante a uma doença, tanto mais peculiar e característica, quanto mais ativo for o composto “o semelhante cura o semelhante” (*similia similibus curentur*). Deve portanto utilizar uma doença artificial, semelhante à doença, designada como contra doença (Lockie, 2000, Prista et al., 2002, Kayne, 2007, Fontes, 2005).

Estreitamente ligada ao progresso da investigação está a evolução da homeopatia. Durante muitos anos os homeopatas tinham como objetivo demonstrar a atividade das altas diluições, que com diversos estudos científicos sugerem a eficácia real das doses infinitesimais, mesmo quando teoricamente não contêm nenhuma molécula ativa. Tentam também descobrir os mecanismos de ação dos medicamentos homeopáticos, abrindo também o campo a uma farmacologia das altas diluições, área que nos reservará, podemos supô-lo, surpresas que ultrapassarão o enquadramento da homeopatia.

A metodologia que adotamos para o desenvolvimento da pesquisa e estudo foi o método documental de recolha de bibliografia especializada (monografias e artigos científicos) sobre a temática, procedendo à sua análise de crítica interna.

O trabalho divide-se em quatro capítulos, para além de uma introdução e uma conclusão, constando no primeiro capítulo uma abordagem às raízes históricas, no segundo capítulo procedemos a uma breve síntese comparativa das mais conhecidas medicinas alternativas, no capítulo terceiro apresentamos uma evolução deste saber em alguns países da Europa e, finalmente, debruçamo-nos sobre a expansão noutras grandes regiões do mundo.

Capítulo I – Raízes históricas da Homeopatia

1.1 - Hipócrates, Galeno e Paracelso

As práticas da homeopatia foram exercidas por médicos, médicos-farmacêuticos e outros profissionais durante séculos (Lockie, 2001).

É nas civilizações Clássicas (grega e romana) e nas suas tradições médico-farmacêuticas que assentam as teorias e os princípios da homeopatia, sendo essa a sua origem (Lockie, 2000).

Hipócrates (460-377 a.C.) e Paracelso (1493-1541), realizaram descobertas que iriam influenciar no nascimento da homeopatia no século XVIII (Lockie, 2001).

Hipócrates tendo nascido no ano 460 a.C. na Grécia, na ilha de Cós (Gonsalves, 1989), filho de uma família aristocrática, pertence a uma longa linhagem médica e descende de Esculápio (deus da medicina) (Gonsalves, 1989, Chemouny, 2001). Ele é o mais célebre médico da Antiguidade Clássica, tendo libertado a medicina e a prática farmacêutica da casta sacerdotal, dos templos e dos palácios, divulgando-a pelo mundo (Gonsalves, 1989).

Considerado o pai da medicina, Hipócrates cria a medicina fundamentando-se no conhecimento racional e experimental, recusando qualquer intervenção de magia, demoníaca ou divina (Chemouny, 2001), para ele as doenças eram provocadas por forças naturais (Lockie, 2000).

O médico grego propôs, então, que houvesse um método racional e rigoroso de observação, para uma abordagem dos problemas da doença (Chemouny, 2001). A doença era entendida como uma perturbação de equilíbrio que colocava o ser humano em conformidade com ele próprio e com a natureza (Fontes, 2005).

Hipócrates faz assim um estudo sobre o estado da saúde e da doença, bem como dos estados intermédios, ou ainda da fisiognomonía, da nosologia e dos estados mentais (Chemouny, 2001). Estabelecendo assim diversas providências que ainda hoje são determinantes na prática médica, como o diagnóstico, prognóstico e a terapêutica.

Ao contrário dos seus antecessores e contemporâneos, Hipócrates, lega por testamento todos os seus ensinamentos da arte de curar, com os resultados das suas próprias

observações e da sua prática, aos clínicos que o sucederam, através de uma grande quantidade de livros e textos conhecidos como o *Corpus Hippocraticum* (Gonsalves, 1989).

Segundo Hipócrates, a prática da arte médica tem três grandes princípios. O primeiro é a “*Vis medicatrix naturae*” (via curativa da natureza), onde o médico é a natureza. Para que o paciente esteja num estado de equilíbrio compete ao médico imitar a natureza (Gonsalves, 1989).

O segundo princípio adotado é “*Contraria contrariis curantur*” (Gonsalves, 1989), mais conhecida pela Lei dos Contrários, ou seja, o contrário será curado pelo contrário, logo, o tratamento de uma determinada doença era efetuado com substâncias que produzissem os sintomas contrários aos da doença (Lockie, 2000). Este é o princípio que regula a alopatia, medicina dos “anti” (anti-inflamatórios, anti-espasmódicos, anti-pruriginosos etc.) (Gonsalves, 1989).

O terceiro e último princípio é o “*Similia similibus curantur*”, ou seja o semelhante é curado pelo semelhante (Gonsalves, 1989). Se o doente tomar uma substância capaz de produzir os mesmos sintomas da doença em pessoas saudáveis, poderá ser este usado para curar os sintomas semelhantes em pessoas doentes (Silva, 1999).

Estes dois últimos princípios formulados por Hipócrates, o dos contrários e dos semelhantes, eram ambos aplicados nos seus doentes, dependendo de caso para caso. Isto só vem demonstrar que não havia incompatibilidade entre a homeopatia e a alopatia, pois ambas apresentam qualidades e limitações. Estas terapias deveriam ser aplicadas segundo cada caso e cada circunstância (Gonsalves, 1989).

Alguns séculos após Hipócrates, surge Galeno (130-200), conhecido como pai da Farmácia (Lockie, 2000), oriundo de Pérgamo na Grécia (Gonsalves, 1989). Galeno foi profundamente influenciado pelos ensinamentos de Hipócrates. Estudou medicina em Pérgamo, na Ásia Menor, e em Corinto, na Grécia. Galeno acreditava que “*um médico precisa estudar o corpo como um arquiteto precisa seguir uma planta*”, por isso viaja até Alexandria no Egito, onde na biblioteca e museu local existiam dois esqueletos completos (Tiner, 2004).

Na altura de Galeno, a abertura de cadáveres era proibida pela lei romana, e assim sendo, Galeno dissecava animais como porcos e macacos, descrevendo detalhadamente

tudo o que encontrasse. Ele enriqueceu os seus conhecimentos anatómicos quando trabalhou como médico na escola de gladiadores (Tiner, 2004). Este médico reuniu vários conhecimentos da época, contribuindo para o conhecimento da anatomia e fisiologia do corpo humano (Lockie, 2000), não aceitando bem a ideia de similitude proposta por Hipócrates (Gonsalves, 1989).

Hipócrates era considerado pai da medicina, mas porém o verdadeiro pai da medicina alopática é Galeno, pois o seu método de tratamento combatia a principal causa da doença com algo que lhe fosse contrário (Gonsalves, 1989).

Galeno viveu na época em que o Império Romano dominava a Europa. Os Romanos salientaram a importância da saúde pública, melhorando as condições de higiene e introduziram as plantas medicinais, assim impulsionaram a medicina naquela época. Apesar do sucesso, esta abordagem tinha as suas limitações, não apresentava cura para as doenças específicas e não tinha em conta a anatomia (Lockie, 2000, Tiner, 2004).

Entretanto Galeno escreveu várias obras literárias, que ainda hoje são conhecidas, nelas ele mistura factos, opiniões e grandes erros, que somente no século XVIII foram refutadas cabalmente pelas autoridades médicas e farmacêuticas (Tiner, 2004).

Hipócrates e Galeno foram as figuras mais marcantes da medicina e farmácia da Antiguidade Clássica. Foram sem dúvida os responsáveis pela conservação das tradições dos dois médicos, apesar da medicina até à Idade Média Média tardia (séculos XIV e XV) passar por um período de estagnação. Além de terem assegurado a coexistência, também enriqueceram a medicina com as suas próprias experiências e conhecimentos, abrindo assim novos horizontes na medicina (Gonsalves, 1989). As suas obras tiveram uma grande influência no Ocidente cristão como no mundo árabe até ao século XVIII (Edler, 2006).

Através de Paracelso (1493-1541) -, um homem do Renascimento -, a medicina volta aos princípios de Hipócrates (Gonsalves, 1989). O movimento do Renascimento recupera e imita os princípios teóricos, filosóficos e disciplinares da Antiguidade Greco-romana. Paracelso, de seu nome Theophrastus Bombastus von Hohenheim, suíço-alemão, era assim cognominado, indicando “Para-além de Celso”, “maior do que Celso”, outro importante autor da Antiguidade Romana, adotado em Itália no século XVI. Descendia de uma família em declínio. O seu pai tinha estudado metalúrgica,

alquimia e medicina, apesar de nunca ter conseguido as suas credenciais de médico, Paracelso estudou latim e um pouco de alquimia, trabalhou como explorador de minas mas também estudou medicina (Porto, 1995, Adler, 2006).

Viajou muito pela Europa trabalhando como cirurgião militar (Porto, 1995). Paracelso era um homem exuberante e gigantesco, cheio de curiosidade científica e de aspirações espirituais (Hoeller, 1991).

Dotado de um temperamento irascível, Paracelso não controlava as palavras nas suas críticas contra quem quer que fosse (Porto, 1995).

Paracelso começou a exprimir uma certa intolerância em relação à medicina tradicional. O aristotelismo que predominava nas universidades atormentava-o e por isso procurou combatê-lo. Considerava que a influência de Aristóteles sobre a medicina e a farmácia teria sido catastrófica, pois Galeno aceitou a sua obra sem a questionar e utilizou-a como fundamento para o seu sistema médico-farmacêutico (Porto, 1995).

Paracelso além de condenar a medicina tradicional, também condenava a polifarmácia: “O médico deve fazer as suas receitas com simplicidade não apenas quanto ao número da dose dos medicamentos como também em sua composição” (Câmara, 1994).

Apesar de ter sido extremamente violento, Paracelso foi uma pessoa de visão extraordinária. Este procurava um método terapêutico que fosse mais racional e seguro para a sua época, pois a medicina usava métodos empíricos que na maioria dos casos eram arriscados, tóxicos e muitas vezes ineficazes (Câmara, 1994).

No início do século XVI, Paracelso começa a associar as doenças às forças exteriores, como alimentos e bebidas contaminadas (Pacaud, 1998). “Pai da química” como era conhecido, Paracelso, foi o responsável pela transição da alquimia para a química moderna (Lockie, 2000).

Segundo Paracelso, todas as plantas e metais apresentavam ingredientes ativos que poderiam servir para curar doenças específicas. Lança então fundamentos da química moderna, baseado em experiências práticas do seu trabalho. Paracelso estava convencido que tanto as plantas como os metais continham ingredientes ativos que poderiam ser receitados para combater certas doenças (Pacaud, 1998).

O suíço, defendia a utilização de doses exatas, e segundo ele “*um veneno pode ser ou não ser um veneno, depende apenas da dose*” (cit. in Lockie 2000, p.13). As suas preparações eram dadas em doses diluídas para eliminar as toxicidades mas não se sabe como Paracelso as diluía (Câmara, 1994).

Paracelso escrevia de maneira difícil e de compreensão um pouco obscura, talvez por isso os seus escritos tenham suscitado tantas e tão variadas interpretações (Porto, 1995).

O certo é que Paracelso fazia uso da lei dos semelhantes. No verão de 1534, ficou célebre por ter curado muitas pessoas que tinham peste, através de um comprimido feito de pão e com uma mínima quantidade de fezes do doente (Kayne, 2007).

Muito antes de Samuel Hahnemann aparecer, Paracelso já dizia “*Os nomes das doenças não indicam os remédios a serem empregues; é o semelhante que deve ser comparado com o semelhante (...) e esta comparação faz com que seja descoberto o meio de curar.*” (cit. in Gonsalves, 1989, p.197).

A defesa do conceito aristotélico de curar pelo semelhante fez deste médico suíço, Paracelso, uma figura crucial na implantação e desenvolvimento da homeopatia (Lockie, 2000).

Samuel Hahnemann criador do método homeopático é associado a Paracelso, isto deve-se ao princípio terapêutico manifestado por ambos. No tempo de Hahnemann, Paracelso era bem conhecido por médicos e filósofos, apesar de Hahnemann negar o conhecimento do mesmo (Câmara, 1994).

O método de pesquisa de Paracelso e Hahnemann apresentavam diferenças. Paracelso baseava-se na semelhança da forma, cor e afinidade dos elementos da natureza, com as doenças, enquanto Hahnemann baseava-se na semelhança entre os sintomas que uma dada substância produz no organismo saudável e os sintomas apresentados pelos doentes (Câmara, 1994).

A homeopatia é criação de Hahnemann, apesar de nem ele nem Paracelso serem os descobridores do princípio das semelhanças. Já Platão ensinava que o semelhante conhece o seu semelhante e Hipócrates conhecia e utilizava esta medicina (Câmara, 1994).

1.2 - Christian Friedrich Samuel Hahnemann: vida e obra

Christian Friedrich Samuel Hahnemann, nasceu a 10 de Abril de 1755 e morreu a 2 de Junho de 1843 (Kayne, 2007). Situa-se na parte ocidental da Alemanha, em Meissen, antiga cidade saxónica, a cerca de 160 km de Berlim, nas margens do rio Elba. Filho de um pintor da famosa fábrica de porcelana local de seu nome Christian Gottfried Hahnemann e de Johanna Christiane. (Kayne, 2007).

A criança passa a chamar-se de Samuel, seu terceiro nome para não se confundir com os restantes familiares, também de seu nome Christian (Kayne, 2007).

A casa onde nasceu Samuel Hahnemann, foi demolida, no início de 1900, mas resta uma placa comemorativa do local do seu nascimento, numa propriedade que já foi hotel, e consultório odontológico e ainda existe um busto seu colocado sobre uma coluna de pedra, num pequeno parque do centro da cidade (Kayne, 2007).

Samuel, entra para o segundo ano da escola local, no ano de 1767, mais precisamente em julho. Desde logo se mostra um aluno muito aplicado, destacando-se na área das línguas, de tal forma que com apenas 13 anos de idade ensinava aos seus colegas a língua hebraica (Kayne, 2007).

Com apenas 15 anos o seu pai desvia-o dos seus interesses pelo estudo dos livros, levando-o a seguir uma prática profissional, que financeiramente se lhe apresentava mais vantajosa, mandando-o trabalhar para um armazém de mercearia em Leipzig, de modo a que se formasse lojista. Esta experiência durou pouco tempo, uma vez que ele regressa a casa, onde a mãe o esconde até dar a notícia ao pai, sem que houvesse represálias (Kayne, 2007).

Samuel continua a estudar, lê os seus livros às escondidas e até tarde da noite. Terminado o seu percurso escolar (Kayne, 2007) e no ano de 1775, deixa Meissen, a cidade do seu nascimento (Alex, 2009) e entra no mais famoso instituto académico da Alemanha, a universidade de Leipzig, criada em 1409, (Cook, 1981), onde teve formação universitária (Kayne, 2007).

É em 1777 que vai para Viena, ficando a viver no hospital dos Irmãos da Misericórdia de Leopoldstadt (Kayne, 2007), para fazer um estágio de seis meses na escola de

medicina de Viena: ensino baseado na observação e ensino clínico no leito do doente (Chemouny, 2001).

Retoma os estudos, em 1779, na universidade de Frederick Alexander, em Erlangen (Kayne, 2007), terminando a 10 de agosto, com a defesa da sua tese, tornando-se assim doutor em medicina. Apresentou a tese em latim, mostrando desde logo a sua orientação relativamente às correntes de pensamento da sua época (Pacaud, 1998).

É na municipalidade de Gommern que lhe é atribuído o cargo de médico chefe, onde exerce a medicina. Algum tempo depois fica noivo de Johanna Leopoldine Henriette Kùchler enteada do farmacêutico local, Haeseler. É na casa do seu futuro sogro que virá a praticar a química. Também é nesse momento que realiza um importante trabalho de tradução e de inúmeras publicações de química (Kayne, 2007, Chemouny, 2001)

Em 1782 casa-se com Johanna Kùchler e desse casamento nascem 10 filhos, dos quais 8 filhas e 2 filhos (Kayne, 2007).

No decorrer do exercício da sua função, mostrou a sua preocupação com a possibilidade das terapêuticas aplicadas fazerem mais mal do que bem. Nessa altura a doença era vista como um invasor do organismo, que devia ser combatido com um produto químico ou qualquer que fosse o método a aplicar. Assim sendo eram administradas grandes quantidades de produtos químicos, como o arsénio e o mercúrio, eram utilizados os purgantes, as sangrias, eméticos e ventosas e em muitas destas situações, o doente morria (Kayne, 2007).

Hahnemann, por sua vez, usava menos quantidade de medicamentos, acreditando no poder dos “simplexes”, ou medicamentos individuais, em vez de grandes quantidades ou de misturas complexas (Kayne, 2007).

Existia entre a medicina e a ação farmacêutica da época, grande rivalidade, vivendo em ambientes de concorrência, levando assim os pacientes a recorrer a vários profissionais que se culpavam entre si em caso de morte e se diziam responsáveis pelo êxito em caso de sucesso. Recaindo a culpa especialmente no último da cadeia (Kayne, 2007).

Em pleno exercício das suas funções, mostra a sua desilusão com respeito à ineficácia das terapêuticas da sua época, acabando por se recusar a exercer a medicina, que

considerava não só ineficaz, mas também perigosa, e decide dedicar-se à investigação (Pacaud, 1998).

A família muda-se para Dresden e, de 1785 a 1789, durante este tempo dedicou-se à escrita (Kayne, 2007).

Vive das suas traduções e dos seus trabalhos de química provendo ao sustento da sua numerosa família (Pacaud, 1998). Tarefa que lhe era fácil uma vez que dominava de forma admirável várias línguas. Traduz mais de vinte artigos médicos e científicos (Ullman, 1988).

Em 1784 publica “Método para tratar cuidadosamente as feridas antigas e as úlceras pútridas” (Chemouny, 2001).

No ano de 1786, Hahnemann, publica um relatório, que mostra um novo teste de vinho, ou seja um método de deteção de arsénio encontrado no conteúdo gástrico das vítimas envenenadas. Isto acontecia porque os vendedores usavam sal de chumbo para adocicar a bebida (Kayne, 2007).

Por volta de 1789, lança uma publicação intitulada “Instrução aos cirurgiões”, sobre doenças venéreas, antes utilizada por nova preparação de mercúrio, e publica também o “Tratado das doenças Venéreas” (Chemouny, 2001).

É nesta época, mais precisamente em 1790, que traduz a “Matéria médica de Cullen”, livro de William Cullen, médico escocês de grande autoridade na Europa e um dos principais médicos da época (Ullman, 1988, Pacaud, 1998).

Após a tradução desta obra Hahnemann dedica seis anos da sua existência a fazer experiências ativas, em si mesmo, nos membros da sua família e num grupo pequeno de seguidores, que se via a aumentar dia a dia, encontrando assim um fio condutor para o seu trabalho. A sua genialidade passa pela experimentação das drogas, no ser humano à lei da semelhança, variando as condições da experiência, atendendo à idade, ao sexo, etc (Pacaud, 1998).

Em determinado momento do livro, W. Cullen refere que devido às suas características amargas e adstringentes a quina torna-se útil no tratamento da malária. Hahnemann, faz uma chamada de atenção em rodapé não aceitando como tão certo o que Cullen escreve, achando que o sucesso da quina adviria de outro fator, uma vez que tinha observado que

havia outras substâncias, mais adstringentes e amargas que a quina peruana e estas por sua vez não eram eficazes no tratamento da malária (Ullman, 1988).

Após ter tomado doses repetidas da erva, verificou que a eficiência desta erva derivava de outros fatores, concluindo que, ela era benéfica porque causava sintomas similares aos da doença (Ullman, 1988).

Hahnemann, era apologista que os médicos deveriam produzir os seus próprios remédios. Em 1793 publica o seu “*Apothecaries Lexicon*”, em 4 volumes, neste livro reproduz todos os procedimentos (e as precauções) a ter numa farmácia ideal (Kayne, 2007).

Hahnemann revelava-se um médico diferente de todos os outros, propondo assim o processo de diluição de medicamentos, diminuindo as doses (Pacaud, 1998).

Durante todos estes acontecimentos, Hahnemann, mostra-se, frente às práticas médicas convencionais, um rebelde audacioso, expondo as suas opiniões, mesmo que isso significasse corrigir e ou questionar médicos conceituados, procurando sempre explicar e comprovar a raiz das suas ilações (Ullman, 1988).

O que procura Hahnemann? Permitir maior abertura por parte da medicina, rompendo de certo modo com as teorias a que se encontrava profundamente arraigada. Procurar maior coerência nos diagnósticos e terapêuticas. Permitir que a medicina entre num campo experimental (Pacaud, 1998).

Conhecedor da “Farmacopeia helvética”, de Albrecht von Haller, que refere que é preciso experimentar o medicamento sem misturas, em corpos saudáveis, em pequenas doses, estando atento a todas as reações De fato esta era uma atitude considerada revolucionária para a época (Pacaud, 1998).

É em 1796, que nasce oficialmente a homeopatia, no “Ensaio sobre um novo princípio para descobrir as virtudes curativas das substâncias medicinais” (Chemouny, 2001).

Hahnemann publica em 1810 a primeira edição do *Organon* da medicina racional, que renova as bases da doutrina homeopática, o “*Organon da arte de curar*”, como será intitulado nas edições futuras (Chemouny, 2001).

Após o inverno de 1812 a homeopatia e Hahnemann alcançam mais popularidade, após a derrota na batalha de “Grande Armée”, em Leipzig. É no ano de 1813, devido a uma terrível epidemia de febre tifóide, que Hahnemann trata com sucesso 180 casos com homeopatia, havendo apenas uma vítima mortal. O seu prestígio estende-se pela Europa (Kayne, 2007).

Nesta época Hahnemann era considerado pessoa pouco simpática, devido à sua recomendação de doses restritas de medicação, agravando a situação aquando da sua perda de confiança nos boticários, momento em que decide aviar os seus próprios medicamentos, ato, que na altura era considerado ilegal na Alemanha, é preso em Leipzig em 1820. Muda-se, então para Köthen, obtendo, por parte do grão-duque Ferdinando, autorização para fabricar e expedir os seus medicamentos. E assim a homeopatia continua a criar cada vez mais adeptos, apesar da perseguição a que continuava a estar sujeita (Ullman, 1988).

É em Dresden, por volta de 1828, que Hahnemann publica “*Chronic Diseases*”, ou “*Doenças Crónicas*” chegando às 1600 páginas e 5 volumes (Kayne, 2007). Hahnemann fala do reaparecimento das doenças através dos miasmas, do grego, *miasma*, -atos, «exalação impura» (ACL, 2001). Nessa altura é alvo de várias críticas, entre os homeopatas e os alopatas, por dizer que 7/8 da totalidade das doenças crónicas eram de ação contagiosa (Kayne, 2007), os miasmas eram emanações pútridas provenientes de substâncias orgânicas em decomposição, causadoras de doenças infecciosas. A teoria miasmática das infeções e das epidemias, criada na Grécia, que teve a sua origem nos odores putrefatos, manteve-se por mais de dois mil anos (ACL, 2001).

Morre, Johanna Hahnemann, em 1830, deixando-o bastante só, embora os seus familiares o recebessem sempre bem (Kayne, 2007).

Em 1831 acontece na Europa, um surto de cólera, que causa muitos mortos. Hahnemann divulga vários folhetos, sobre o assunto, defendendo a utilização de apenas um remédio, a cânfora (Kayne, 2007). Hahnemann, considera que a cólera se atribui a um (miasma), ou microrganismo podendo assim espalhar-se pelo contacto entre as pessoas, havendo a necessidade de isolar e proceder à desinfeção de tudo que rodeasse o doente, bem como de todo o staffe médico (Kayne, 2007).

Resultam num êxito todos estes procedimentos, de modo que o visitam médicos vindos da Alemanha e de vários países, para se aconselharem (Kayne, 2007).

Em 1833, ocorre a inauguração do 1º hospital homeopático em Leipzig, acontecendo assim e muito rapidamente a propagação da homeopatia pela Europa (Chemouny, 2001).

Aos 80 anos Hahnemann, conhece Mélanie D' Hervilly-Gohier, de 34 anos que o procurou para uma consulta. Mélanie era filha adotiva do ministro da justiça francês, era dotada de uma inteligência e cultura invulgar, para a época e de um encanto natural. Hahnemann logo mostra o seu interesse e casa-se a 28 de janeiro de 1835, mesmo indo contra a vontade das filhas (Kayne, 2007).

É nesta altura que se muda para Paris, onde viria a exercer, embora no início esta concessão tenha sido recusada pela Faculdade médica, mas Mélanie usou da sua influência junto do rei Louis Philippe. A viver na metrópole, encontrava-se rodeado de pessoas que vinham de vários sítios para o consultar, nesta altura manifesta já grande vontade de parar de exercer (Kayne, 2007).

Um dia é-lhe trazido, pelas mãos de um homem rico, um jovem de seu nome John Young, que se encontrava doente, havia dois anos, e já sem esperança de vida, informação dada pelos médicos que o acompanharam. Hahnemann resolve tratá-lo e o rapaz fica curado (Kayne, 2007).

Ao fazer 86 anos a Câmara de Meissen presta-lhe uma importante homenagem entregando-lhe o título de cidadão honorário, sentindo-se muito honrado (Kayne, 2007).

A saúde começa a atraioá-lo e uns dias após ter feito os seus 88 anos, sofre de uma crise de catarro brônquico, que se mostra mais persistente do que normalmente acontecia, ele sabia que o seu tempo tinha chegado ao fim. Às 5 h do dia 2 de junho, de 1843, morre. Mélanie manda embalsamar o corpo e mantém-no por 20 dias sem sepultar. É no dia 11 de julho que é sepultado (Kayne, 2007).

Em 1898, é feita a exumação do corpo, da campa em Montmartre, para ficar no cemitério de Père Lachaise, ao lado de outras figuras de destaque como Rossini, Molière e Gay-Lussac. A este conjunto de formalidades compareceram médicos de toda a Europa (Kayne, 2007).

Anos mais tarde, após a data do seu falecimento, mais precisamente em 1990, foi edificado um monumento em granito escocês, onde colocam um escrito de Hahnemann: “*Non inutilis vixi*”, “*Não vivi em vão*” (Kayne, 2007).

O reconhecimento deste ilustre médico tendeu a permanecer durante décadas, tendo Blackie referenciado que:

“Hahnemann não foi o único a reconhecer as insuficiências da prática e da teoria médica do seu tempo, mas esteve na vanguarda dos que, numa sociedade flagelada pela epidemia, procuraram o meio mais rápido, mais suave e duradouro de restaurar e preservar a saúde” (Blackie, 1976 cit. in Kayne, 2007,p.49).

Capítulo II – A diferentes medicinas alternativas

2 - Homeopatia

A homeopatia é uma palavra inventada por Hahnemann a partir do grego *homois* «semelhante» e *pathos* «sofrimento», doença (Chemouny, 2001).

A homeopatia é citada por o Petit Robert, como um “método terapêutico que consiste em tratar os doentes através dos medicamentos (em doses infinitesimais obtidas por diluição) capazes de produzir num indivíduo são, sintomas semelhantes aos da doença a combater (Chemouny, 2001).

Esta nova terapia desenvolvida por Hahnemann cimenta-se em dois princípios tóxicos básicos: o princípio dos similares e a utilização de diluições chamadas de “infinitesimais”. Outro fator que estabelece diferenças entre a medicina convencional e a homeopatia é que não importa que várias patologias se apresentem com sintomas idênticos, uma vez que a homeopatia trata de doentes e não de doenças.

Apesar de nem todos os fármacos homeopáticos se prepararem através de ultradiluições, grande parte é comercializada e fabricada desse modo. As substâncias usadas pela homeopatia podem ter origem vegetal, mineral ou animal. Podem ainda apresentar-se em grânulos, pós, gotas, ampolas injetáveis ou bebíveis e em pomadas ou cremes (Silva, 1999).

A homeopatia utiliza-se tanto em casos agudos como crónicos, físicos, emocionais ou mentais, apenas mudam as diluições que se encontram em potenciais diferentes. A homeopatia auxilia o organismo a curar-se a si mesmo, não anular os sintomas. Os produtos procuram estimular as autodefesas, reforçando o sistema imunitário, da mesma forma, usando produtos de maior ação e mais diluídos, com menor toxicidade e sem efeitos secundários (Silva, 1999).

Depois de dois séculos de existência, percebemos que a homeopatia não é uma moda passageira ou uma invenção da imaginação. Quando uma abordagem médica atravessa os séculos e resiste ao teste do tempo, mostra que é sólida e real (INHF, 2010).

Foi sem qualquer dúvida o público que deu à homeopatia a importância de que ainda hoje desfruta. É o público que lhe admira os méritos e lhe descobre as potencialidades e

é ainda este mesmo público que prosseguirá esta descoberta na procura do seu próprio bem-estar.

2.1.1 - Origem da Homeopatia

É na Alemanha que surge a homeopatia, introduzida pelo médico alemão Samuel Hahnemann (1755-1843), no princípio do século XIX (Silva, 1999).

As medicinas alternativas encontravam-se no apogeu e a nova terapia criada por Hahnemann baseia-se em dois princípios básicos: o princípio dos similares e as diluições (Silva, 1999).

Hahnemann fundador da homeopatia, dedica muitos anos da sua existência a fazer experiências ativas, e a pesquisar uma fórmula eficaz e segura para travar as enfermidades (Silva, 1999).

Tudo começa no ano de 1790 em que Hahnemann, traduz o livro “*Matéria médica de Cullen*” médico escocês (Ullman, 1988), conceituado por toda a Europa, pelos métodos de ensino, aplicados que se mostravam inovadores. Cullen foi o primeiro professor de medicina, na Universidade de Glasgow, e mais tarde na Universidade de Edimburgo em 1751. Atuava perante as doenças, utilizando as sangrias, os antiespasmódicos e estimulantes. Cullen vê publicada a sua obra em Londres, no ano de 1772 e mais tarde, por volta de 1789, tratando-se já de uma segunda edição, na qual ele dedica especial atenção à casca da chinchónea peruana. É denominada desta forma, por ter sido usada com êxito pela Duquesa de Chichon (Kayne, 2007).

Esta droga foi levada em 1640, por missionários, para Espanha para ser utilizada no tratamento da febre palustre ou malária. Para Cullen a utilização da chinchona tornava-se eficaz, por ter propriedades adstringentes (Kayne, 2007).

É no sul da Hungria, nos terrenos alagadiços de águas estagnadas (pântanos), que Hahnemann decide passar, quase dois anos da sua vida, para estudar de perto a febre palustre, que atingia muito as pessoas dessa zona e adquirir um conhecimento aprofundado da situação. Sendo conhecedor em toda a sua experiência, de outros adstringentes que não eram antimaláricos (Kayne, 2007) e ao deparar-se com as afirmações de Cullen, Hahnemann, contesta estas explicações, no mínimo imprecisas e

resolve ele próprio, como prática corrente da época e como ávido experimentador, usar a droga no seu organismo (Ullman, 1988).

“ Numa situação experimental, tomei, durante vários dias e duas vezes ao dia, quatro dracmas(sendo que dracma é uma unidade de medida de peso grega, que equivale a cerca de 3,54 gramas, logo portante referente à época em questão) de China (nome latino para a chinchona). Os primeiros sintomas foram detetados nos pés e nas pontas dos dedos das mãos que arrefeceram. Comecei a sentir fraqueza, entontecido e mole. De seguida foi o meu coração, senti palpitações muito fortes, pulso acelerado, acompanhado de grande ansiedade, tremuras sem arrepios, moleza nos membros e uma sensação pulsátil na cabeça, acompanhada de rubor ou vermelhidão na face e muita sede. Em resumo apareceram todos os sintomas de febre intermitente. O embrutecimento dos sentidos, como a lentidão de raciocínio, o tipo de rigidez e a desagradável sensação de adormecimento, que parece ter o seu epicentro no perióstio, por todos os ossos do corpo. Durava toda esta situação paroxística ou de crise 2 a 3 horas e repetia-se se eu repetisse a dose, caso contrário não havia recorrência. Parei com a toma e senti-me de boa saúde” (Hahnemann, cit. in Bradford 1895, pp. 36-37).

Hahnemann diz ainda que a casca peruana ou quinina representa os sintomas do doente, sendo portanto usada na cura da febre intermitente, porque tem a capacidade de produzir, em pessoas saudáveis, sintomas semelhantes aos da febre intermitente (Pacaud, 1998).

Já havia sido verificado por Hahnemann, um ano antes desta experiência que a sífilis se curava com mercúrio, não por suscitar salivação, transpiração, diarreia e poliúria, mas porque acontecia o que chamou por “febre mercúrica,” febre que era semelhante à doença, outro caso de aparente similitude, entre o poder da droga e os seus sintomas de envenenamento, que era capaz de curar (Mitchel, 1975).

Com a descoberta do poder do quinino e do mercúrio de produzirem os sintomas da doença, assim como a capacidade de curar, faz com que Hahnemann reflita o que pode ser descrito como uma “lei de cura,” para ele, com a mesma importância da descoberta de Arquimedes enquanto tomava banho, e com Newton, com a queda da maçã (Kayne, 2007).

Eram interessantes estas observações de fenómenos similares, mas já não era nada que não tivesse sido observado anteriormente por outros estudiosos Hipócrates e Paracelsus. Elisabeth Danciger (1987) refere no seu livro *The Emergency of Homeopathy* que vários países têm tentado ligar a obra de Paracelsus à de Hahnemann, devido às semelhanças. Por sua vez Hahnemann diz não ter qualquer ligação. Atendendo ao estudo alargado da

literatura médica por ele realizado é difícil admitir que ele não conhecia a obra de Paracelsus (Haehl, 1992).

Em apoio à lei da cura embrionária de Hahnemann surgem mais dois casos de evidência. No caso do tratamento da escarlatina em crianças, doença endêmica naquele tempo. Os sintomas tóxicos de ingestão de Belladonna, geralmente consequência de atos criminosos de envenenamento. Hahnemann tinha já estabelecido um elo de ligação entre os efeitos tóxicos e os sintomas, clinicamente registrados, apresentando, ambos erupção cutânea avermelhada (Black, 1843).

Em 1812 aquando de uma epidemia fatal de escarlatina, a taxa de mortalidade aumentava rapidamente, eram inúmeros os pedidos de ajuda, para travar a taxa de mortalidade. Hahnemann terá declarado que a droga podia ser usada, como profilaxia e também como tratamento, e envia-a aos seus colegas. Três grãos de extrato de Belladonna, cuidadosamente preparados, estes deveriam ser triturados num pequeno almofariz, com 28,4ml de água destilada a tudo isto deveria acrescentar-se mais 28,4ml de água destilada e igual quantidade de álcool. Uma gota deste preparado deveria ser adicionada a 75,2ml de água destilada e 28,4 de álcool, sendo administrado da seguinte forma: 1gota a crianças de menos de 5 anos, 2 a pessoas de idade superior, cada 3 ou 4 dias. Muitos foram os agradecimentos, de colegas que estavam convencidos que a Belladonna tinha reduzido os efeitos da doença (Black, 1843).

De forma a fundamentar as suas constatações, Hahnemann experimentou várias substâncias ativas em voluntários, amigos, familiares e nele próprio, sendo pessoas saudáveis. Em cada um dos casos pôde verificar que os remédios provocavam os mesmos sintomas de doenças, sendo utilizadas como tratamento. Designou com o nome de origem alemã “Pruefung” que significa teste ou experiência. Devo referir que todas as pessoas teriam de ser saudáveis e não poderiam beber vinho, brandy, café ou chá, fumar, ou comer picantes. Ainda para que houvesse maior rigor, também eram proibidas as atividades de lazer, como jogar bilhar, cartas ou xadrez, e por fim os “experimentadores” deveriam fazer-se acompanhar por um pequeno livro, a fim de registar todos os sintomas, e ou reações (Kayne, 2007).

Hahnemann, passou seis anos da sua vida a testar a hipótese que havia formulado com as experiências da Chinchona, identificando um método físico de seleção de medicamentos, baseando-se no conceito de “o similar cura similar”, conhecida mais

tarde como a Lei dos Similares (ou Semelhantes). Apercebendo-se que deveria individualizar os tratamentos, uma vez que nem todos reagem da mesma maneira.

É em 1807 que chama “homeopatia” ao método de prescrever, segundo a Lei dos Similares, do grego *homois* «similar» e *pathos* «sofrimento» (Kayne, 2007).

2.2 - Fitoterapia

Desde tempos imemoráveis sabe-se que certas plantas têm propriedades medicinais.

A Fitoterapia é supostamente, mais antiga que a própria humanidade (Filho, 2005). O termo fitoterapia (do grego *phyton*, «planta» e *therapeia*, «terapia») deve-se a um médico francês Henri Leclerc (1870-1995), autor de numerosos artigos sobre o uso de plantas medicinais com fins terapêuticos (Silva, 1999).

Fazia parte da cultura dos povos antigos o uso de plantas medicinais secas ou frescas e dos seus extratos naturais para tratar várias doenças que atingiam o homem naquela altura (Gonsalves, 1989).

A utilização das plantas e dos efeitos provocados começa então a fazer parte dos costumes dos povos, e estes vão passar de geração em geração, por meio de aprendizagem consciente e inconsciente (Gonsalves, 1989).

Os antigos já examinavam as características das plantas, e por analogia sabiam a que tipo de pessoa auxiliaria, independentemente dos sintomas apresentados. Os antigos chineses foram mais longe, além destas analogias, classificaram as plantas dentro dos Cinco Movimentos Chineses, assim já sabiam para o que elas serviriam (Filho, 2005).

O uso das plantas é uma prática antiga, uma das referências históricas da medicina, Asclépio de Tessália, dizia que «primeiro a palavra, depois a planta e, por fim, a faca» (Silva, 1999).

A fitoterapia é uma opção à farmacoterapia convencional, esta procura usufruir das propriedades medicinais de extrato de plantas. A fitoterapia é um tipo de intervenção terapêutica com um campo de aplicação vasto (Silva, 1999).

O conhecimento alcançando ao longo dos séculos com especialidades fitofarmacêuticas fez com que estas sejam acreditadas sobretudo em termos da sua eficácia, o que justifica o aumento de interesse nestes produtos (Silva, 1999).

O desenvolvimento da química e a evolução da tecnologia conduziram ao aparecimento de substâncias de síntese e por conseguinte, a utilização dessas para fins terapêuticos (Silva, 1999).

A fitoterapia tem vindo a ter uma importância crescente na Europa Ocidental, uma vez que torna possível um equilíbrio entre o medicamento químico-farmacêutico e o uso das plantas medicinais (Silva, 1999).

A fitoterapia não é a homeopatia. Os fundamentos terapêuticos de ambas divergem, apesar de usarem plantas com objetivos terapêuticos comuns. A fitoterapia usa alguns procedimentos de preparação do campo da homeopatia (Silva, 1999).

Contudo a fitoterapia utiliza diferentes partes das plantas, desde bolbos, raízes, flores, cascas, folhas e sementes. Utiliza também algas e plantas marinhas, plantas selvagens a ervas e especiarias culinárias (Ferro and Abreu, 2012).

No presente, a fitoterapia apresenta-se como alternativa no tratamento de doenças leves ou crónicas (Silva, 1999).

2.3 - Alopátia

No início do século XIX, na Europa e América do Norte, a prática de medicina era muitas vezes referida como “Heroic Medicine”, por causa das medicinas extremas (Ernst and Singh, 2008).

O termo alopátia, foi criado há mais de duzentos anos atrás por Samuel Hahnemann, criador da homeopatia (Whorton, 2004), sendo esta uma terapêutica que consiste em tratar a doença através de substâncias medicinais que têm propriedades que provoquem sintomas semelhantes aos da doença (Chemouny, 2001), ao contrário da alopátia. Hipócrates denominava-as como “irmãs inimigas” (Meyer, 2008).

A alopátia deriva do grego *allos*, que significa «contrário», e *pathos*, «doença» (Meyer, 2008). A alopátia é um método terapêutico utilizado na medicina clássica, que consiste no uso de medicamentos que produzem sintomas contrários aos sintomas produzidos pela doença que se pretende combater (ACL, 2001). Assim sendo a alopátia, consiste em tratar o sintoma, em vez de tentar curar a causa da doença (Saunders, 2002).

Segundo Hipócrates, este método terapêutico não é a única forma de cura (Meyer, 2008). Pensamos apenas que não existe outra. Por esta razão é que os homeopatas não a designam medicina mas sim por alopátia (Meyer, 2008).

A homeopatia e a alopátia, não se contrariam apenas na teoria, também ainda não conseguiram descobrir uma forma de entendimento, uma maneira de coexistência (Meyer, 2008).

Esta terapia utiliza diversas maneiras de induzir uma reação no corpo (como uso de remédios, cirurgia, entre outras), para combater os sintomas da doença (Saunders, 2002). A alopátia recorre muitas vezes à cirurgia, pois a sua vitória consiste em combater o mal diretamente e fazer com que os sintomas desapareçam (Meyer, 2008).

A medicina que é ensinada nas universidades, praticada mais correntemente em hospitais, é uma medicina que atua pelos contrários. Existem muitos exemplos, os sedativos, os antibióticos, os laxantes, são medicamentos que combatem a doença (Meyer, 2008).

Embora a alopatia na verdade signifique “sistemas de tratamento não homeopáticos”, tornou-se sinónimo de “medicina ortodoxa centrada no uso de drogas” (Gerber, 1995). Assim a base da medicina ortodoxa ocidental designa-se por alopatia (Sharma, 1985).

Hoje, mesmo sem que nos consciencializemos, utilizamos, quase que sem perceber, no nosso quotidiano princípios alopáticos (Sharma, 1985).

Os termos alopatia e alopata continuam a ser comuns entre os homeopatas. Apesar de os médicos alopatas não gostarem de ser chamados assim, segundo as autoras do artigo “Medicina baseada em evidências – Ceticismo terapêutico, recorrência e história”, este termo surge como oposição à homeopatia (Said and Moreira, 2000). A terapêutica da homeopatia ainda tem dificuldades em ser reconhecida pelos médicos alopatas. O médico homeopata reconhece os seus próprios limites, da mesma maneira que sabe das vantagens que a alopatia dispõe (Meyer, 2008).

Estas duas terapêuticas têm ambas, os seus respetivos méritos. Vários médicos homeopatas eram antigos alopatas insatisfeitos (Meyer, 2008), temos o exemplo de Samuel Hahnemann.

Como todas as terapêuticas, a alopatia não é perfeita, deve-se tentar compreender quais são os seus defeitos e concluir que existem outras abordagens que possam contribuir para o desenvolvimento da comunidade humana (Meyer, 2008).

Capítulo III – A Homeopatia na Europa

Os tratamentos complementares ou não convencionais são utilizados por muitos médicos e outros terapêuticos em toda a Europa.

A homeopatia nasce nos fins do século XVIII na Alemanha, mas torna-se um fenómeno popular no século XIX sendo divulgada por vários países Europeus.

No entanto apesar do seu começo difícil e controverso, a homeopatia desenvolveu-se graças a Hahnemann e aos seus partidários (Chemouny, 2001).

Os primeiros países a serem conhecedores da homeopatia no período de 1810-1835 foram a Áustria, Bélgica, França, Hungria, Itália, Países Baixos, Polónia, Rússia e Suíça, seguidos por Grécia, Irlanda, Portugal, Escandinávia e Espanha (Kayne, 2007).

Hoje em dia encontra-se esta medicina alternativa em diversos países da Europa, cada um deles aplica a terapêutica de uma maneira própria. Muitas instituições europeias começam a influenciar o desenvolvimento da medicina complementar (Fisher and Ward, 1994).

3.1 – Homeopatia na França

Sebastien Des Guidi (1769-1863) professor matemático, doutorado em ciências e medicina formado em Nápoles, antes de voltar a França conhece e passa algum tempo com Samuel Hahnemann em Köthen. Em 1830 introduz a homeopatia em França. Guidi escreve uma carta aos colegas em 1836 a explicar e informar as razões que o levaram a exercer a homeopatia. (Chemouny, 2001).

Entre muitos doentes, Guidi cura Pierre Dufresne, que leva a homeopatia para a Suíça. Dufresne em 1832 é o fundador da primeira publicação periódica homeopática, a *Biblioteca Homeopática*. Outro doente de Guidi foi Benoît Mure, este deu a conhecer a homeopatia em vários países, como o Brasil, Índia, Egito, Portugal entre outros (Chemouny, 2001).

Hahnemann em 1835 além de se ter mudado para Paris, esteve também presente para uma reunião da Sociedade Homeopática Galicana, o que ajudou no desenvolvimento ainda mais da homeopatia em França. O que também contribui para a propagação da homeopatia foram as edições Baillière. No período entre 1850-1860, houve publicações

periódicas de numerosos guias terapêuticos. A quinta edição alemã do *Organon* de Samuel Hahnemann foi traduzida por Léon Simon. Janeiro de 1887 foi criado o primeiro curso de homeopatia, sob a direção de Pierre Jousset (Chemouny, 2001, Coulamy, 2005).

No século XX os primeiros anos são marcados por um retrocesso do número de médicos homeopatas. Uma das grandes figuras deste século foi o Dr. Léon Vannier, desenvolveu a homeopatia tanto no plano médico como farmacêutico. Em 1811, começa por estudar com um farmacêutico maneiras de fabricar os medicamentos homeopáticos. Criou uma Revista da homeopatia francesa em 1912 e dirige um curso que só pode ser frequentado por médicos e farmacêuticos. Continua o seu percurso, e em 1926 constitui a Sociedade dos laboratórios homeopáticos da França. Por fim cria um local de ensino denominado Centro homeopático de França (Coulamy, 2005).

Maurice Delpech forma em 1927 o Sindicato das farmácias e laboratórios homeopáticos, que mais tarde se tornará o Sindicato da farmácia homeopata. Devido a trabalhos de investigação sobre as técnicas de controlo e fabricação dos medicamentos homeopáticos em 1965 a França oficializa a homeopatia introduzindo-a na oitava edição da *Farmacopeia* francesa (Chemouny, 2001).

Hoje em dia a população procura estar cada vez mais bem informada sobre a homeopatia. Em França as pessoas são reembolsadas em 30 % nos produtos homeopáticos, todas as farmácias dispõem de um grande stock de medicamentos homeopáticos (Interfarma, 1994).

3.2 – Homeopatia no Reino-Unido

Dr. Frederick Harvery Foster Quin foi considerado o primeiro homeopata britânico. Quin nasce em Fevereiro de 1799, em Londres. É na Universidade de Edinburgo, primeira do reino-Unido a dar formação médica, que Quin se forma em medicina, e com apenas 20 anos apresenta a sua tese Este londrino é nomeado como médico de Napoleão I no exílio, mas o imperador morreu antes de Quin começar a exercer as suas funções (Kayne, 2007).

O Dr. Quin começa a prática em Nápoles onde conhece um dos discípulos de Hahnemann, o Dr. Necker. Este insiste para Quin ficar a conhecer mais sobre a homeopatia. O jovem médico inglês por insistência do Dr. Necker decide ir a Leipzig

conhecer o fundador da homeopatia em 1826. Samuel Hahnemann e Quin ficam bons amigos, apesar da visita não ter sido um êxito, pois Quin mostrava-se reticente quanto à terapia (Campbell, 2008).

As dúvidas de Quin começaram a desaparecer quando começou a fazer uns estudos aprofundados dos trabalhos de Hahnemann na Morávia durante a grande epidemia de cólera na Europa. Assim quando de regresso a Londres começa a dar consultas homeopáticas e faz de novo uma visita a Hahnemann mas desta vez a Paris onde estudou com ele vários anos (Morrell, 2000).

Em 1844 é fundada por Quin a Sociedade Britânica Homeopática (BHS), e em 1850 cria um Hospital Homeopático em Londres que se torna a Faculdade de Homeopatia em 1944. A 18 de Novembro de 1878 este médico inglês falece (Campbell, 2008, Morrell, 2000).

Outros homeopatas britânicos de renome foram Drysdale, Hughes, Russell e Dudgeon. Dudgeon de Liverpool mais conhecido pelo ter concebido o esfingomanómetro, deu um grande contributo para a literatura homeopata (Kayne, 2007).

De Glasgow, Dr. John Weir (1879-1971) mais conhecido por Sir Jonh Weir foi uma figura importante na influência da homeopatia na Grã-Bretanha. Weir retoma a forma clássica de prescrição e consegue eliminar muitos dos preconceitos dos colegas sobre a credibilidade da homeopatia (Morrell, 2000).

Outra figura importante foi a reitora da Faculdade de Homeopatia, Dra. Margery Blackie. O interesse pela homeopatia entre os médicos alopatas ingleses foi renovado devido à Dra. Blackie. Ela introduziu a homeopatia nos níveis mais altos da sociedade inglesa, tornando-se médica da própria Rainha de Inglaterra (Morrell, 2000).

Na Escócia a homeopatia sempre teve uma grande importância. O Dr. Hamish Boyd foi o responsável pelo renascimento dos interesses homeopáticos. A investigação homeopática tem vindo a aumentar significativamente desde os anos 70, por parte dos médicos, cirurgiões, farmacêuticos, veterinários e podologistas (Kayne, 2007).

No País de Gales quase não houve homeopatia e não se sabe exatamente o porquê. Em meados de 1860 houve um homeopata em Dolwyddelan e também uma homeopata em Llandudno, no norte do País de Gales, mas não há informações de mais algum. Parece

estranho, porque a homeopatia britânica deveria ter-se adequado aos galeses (Morrell, 2000).

3.3 - Homeopatia em Portugal

A homeopatia, é por certo uma medicina muito divulgada nos países ocidentais, não tendo ainda projeção igual em Portugal. No nosso país a homeopatia foi introduzida após a sua criação em França e Alemanha, nos fins do século XVII princípios do século XVIII. A sua utilização no nosso país tem sofrido avanços e recuos conforme as modas terapêuticas (Santos, 1989).

Em Portugal a homeopatia é referida em 1827, é impresso um artigo sobre Hahnemann “Novas Preposições da Medicina” prefaciado por um dos primeiros e maiores admiradores da homeopatia, António José Lima Leitão (SHP, 2012).

António José Lima Leitão (1787-1856), mais conhecido por Lima Leitão, nasceu em Lagos no dia 17 de Novembro. Aos 21 anos foi nomeado cirurgião ajudante de regimento da Infantaria, pouco depois forma-se em medicina na Universidade de Paris. Em 1823 regressa a Lisboa como deputado eleito às cortes, pelo Estado Português da Índia. Passados dois anos, é nomeado professor de clínica médica na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa (Silva et al., 2004).

Encontra-se atento e curioso a todas as novidades, fica profundamente ligado aos sucessos e fracassos da homeopatia. Defendeu e exerceu o dia-a-dia da homeopatia no exercício clínico e na qualidade de argumentador (Araújo, 2005).

Organon, uma das obras de Samuel Hahnemann, contém todos os princípios homeopáticos bem coordenados. Este livro é o principal guia para pessoas interessadas em homeopatia naquele tempo. Em 1832 esta obra chega a Portugal na tradução francesa, sendo logo citada por Lima Leitão no seu livro clínico (Araújo, 2005).

Florêncio Peres Furtado Galvão, professor na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra entre 1835 e 1859, tem uma carreira serena, representando e defendendo a sua escolha homeopática. Em 1835 a sua tese de doutoramento aborda “*De hominum temperamentis, eorumque influxu in Physiologia, Pathologia, Moraliq̃ue Scientiis*”, onde no seu primeiro item se refere à homeopatia “*homoeopathica doctrina de medicamentorum actione caute admittenda*” (Araújo, 2005).

Como professor do curso de medicina, cirurgia e farmácia, professava “*Matéria Médica e Farmacêutica*”, desde 1835 ensinava as doutrinas de Hahnemann nas suas aulas, fazendo com que os aprendizes de médicos e farmacêuticos aprendessem a teoria homeopática bem como estudassem todas as revistas francesas homeopáticas disponíveis e o *Organon* (Araújo, 2005). Florêncio Peres Furtado Galvão foi responsável pela formação de muitos homeopatas portugueses.

Agostinho Albano da Silveira Pinto, em 1835 declara já ter conhecimento desde 1826, o sistema médico contido no *Organon*, não o rejeitou na sua totalidade mas também nunca o adotou nem o colocou em prática (Araújo, 2005).

João Bricgnoli considerava que as orientações da homeopatia atingiam os limites da mais produtiva imaginação. Em 1837 João Bricgnoli colocou o resultado do seu estudo sobre a doutrina designada homeopática, do professor Hahnemann, na *Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa* (Araújo, 2005)

Em Outubro de 1839 dava-se início à publicação do Jornal de Ciências Médicas de Lisboa onde António José Lima Leitão gaba Hahnemann. Neste ano no referido jornal menciona um relatório do Dr Henrique Burnay, médico homeopático belga (Araújo, 2005, SHP, 2012).

Nesse mesmo ano ouve-se falar também de Silvestre Pinheiro Faria (1769-1846), foi jurista e filósofo, ministro de D. João VI e apreciador da ciência, esteve exilado em Paris durante vinte anos, e por lá se converteu à homeopatia. Após a morte de D João VI, Silvestre Faria dedica-se ao estudo em Paris, aí conhece o Samuel Hahnemann e sua esposa atual Mélanie d’Hervilly. Além disso cria uma amizade duradoura com o criador da homeopatia que o tornaria o *Hipócrates no Norte* (Araújo, 2005).

Além disso Silvestre Faria torna-se um dos mais fervorosos crentes no sistema Hahnemanniano, devido a consagração em 1839 do criador da homeopatia por parte de uma academia médica-cirúrgica reconhecida internacionalmente, a Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa. Jamais será esquecido na história da arte de curar devido à sua intervenção inédita. Silvestre Faria e Lima Leitão recebiam Hahnemann como um dos membros honorários de 1ª classe da academia (Araújo, 2005).

A conversão à prática terapêutica alternativa, a homeopatia, nesta altura era cada vez mais comum entre as ilustres personagens da sociedade política, banca e artes portuguesas (Araújo, 2005).

Nos finais da década de 1850 o Marechal Duque de Saldanha publica a obra *O Estado da Medicina em 1858*, e dedica-a a D. Pedro V. Duque de Saldanha torna-se o principal protetor da homeopatia em Portugal, apesar das inúmeras polémicas divulgadas na imprensa. Em 1859 o Duque de Saldanha cria e sustenta o *Consultório Homeopathico Lisbonense* e a sua *Gazeta Homeopathica* (Araújo, 2005).

Além do Duque de Saldanha muitas outras pessoas se iriam interessar pela homeopatia. Destaca-se o Conde Ferreira que apesar de muitas obras de mecenato e caridade, financia e protege o *Consultório Homeopathico Portuense* e a sua *Gazeta Homeopathica Portuense*. O *Consultório Homeopathico* tinha já sido fundado em 1852 (Araújo, 2005).

O Dr. Filipe José Rodrigues em 1886 publica uma pequena obra sobre a homeopatia. No decorrer do ano de 1886 a 1962 a homeopatia veio a perder terreno no nosso país, apesar de se continuarem a fazer publicações em edições de jornais e revistas e se continuar a exercer esta homeopatia era muito contestada. Em Maio de 1962, o *Jornal de Ciências Médicas de Lisboa* publica um artigo sobre D. Pedro V e a homeopatia de J. Andresen Leitão (SHP, 2012).

A Sociedade Portuguesa Homeopática nasce a 8 de Julho de 1987, constituída por farmacêuticos e médicos, no cartório notarial de Lisboa (SHP, 2012). No sentido do reconhecimento desta medicina alternativa a sociedade recém criada concretiza um curso de pós-graduação de três anos que teve início em 1987 em Lisboa, denominado “Introdução à Homeopatia”. A adesão ao curso por parte dos licenciados (Farmácia, Medicina Veterinária e Biologia) foi boa, tendo interessado tanto a médicos hospitalares e clínicos como a farmacêuticos da indústria e de oficina (Santos, 1989).

Em 1989 recorre-se à homeopatia mais como uma terapia a experimentar. Embora os médicos prescritores e farmacêuticos que preparavam e dispensavam o produto, exercessem quase só na capital e no Porto (Santos, 1989).

A medicina oficial é exclusivamente alopática, os profissionais de saúde que a praticam são quase todos opositores quanto à teoria e prática desta arte de curar. Daí que no

parecere da Ordem dos Médicos seja considerado ilegal o exercício da homeopatia em Portugal. Já a Ordem dos Farmacêuticos sem apoiar claramente também não manifestava oposição declarada, talvez por consequência de alguma informação que é feita a esta matéria durante o curso universitário nas disciplinas de História da Farmácia e Tecnologia Farmacêutica (Santos, 1989).

No dia 13 de Outubro de 1993, foi criada a Sociedade Médica Homeopática de Portugal no cartório notarial do Porto, constituída por médicos e farmacêuticos (SHP, 2012). Neste mesmo ano os produtos homeopáticos foram incluídos no Infarmed na Divisão de Produtos de Saúde (Jofre, 2001).

Os produtos homeopáticos foram regulamentados a nível comunitário em 1992. Sai um decreto-lei em 1994 em que divide os produtos homeopáticos em medicamentos homeopáticos e produtos farmacêuticos homeopáticos (Jofre, 2001).

Em 30 de Outubro de 2003, é constituída no cartório notarial de Algés, concelho de Oeiras, a Sociedade Homeopática de Portugal (SHP). O presidente desta associação foi o Dr. Francisco António Franco Patrício e como vice-presidente o Dr. Alexandre Ferreira de Almeida (SHP, 2012).

Para a SHP foram convidados para associados homeopatas médicos e farmacêuticos, aderiram também alguns entusiastas da homeopatia como associados agregados, idem licenciados mas sem serem médicos ou farmacêuticos. Ambos colaboram com o consumidor na constituição de um grupo representado no ECH (European Committee for Homeopathy). O objetivo deste organismo é defender os interesses dos cidadãos, zelando pelo direito a uma medicina verdadeiramente holística (SHP, 2012).

Na Ordem dos Farmacêuticos realizaram-se várias ações científicas em benefício da homeopatia, quando a Ordem dos Médicos fechou as suas portas. Outras das apostas da SHP, foi a criação de um site. Este integra-se também no ECH (SHP, 2012).

Na atualidade não existe uma escola verdadeira de formação em homeopatia como especialidade de medicina. Deparamo-nos com variados cursos e pós-graduações em homeopatia (Ferro and Abreu, 2012).

Apesar de ainda hoje esta terapêutica não ter sido reconhecida como especialidade médica pela Ordem dos Médicos, a homeopatia em Portugal torna-se a alternativa à terapêutica alopata (Ferro and Abreu, 2012).

Apesar de uma longa história controversa a homeopatia tem-se mostrado resistente e geograficamente distribuída no nosso país.

3.4 - Homeopatia na Holanda

Na Holanda, a homeopatia está introduzida há mais de 150 anos. Em 1834 os primeiros médicos homeopáticos foram Johan Schonfield em Winshoten e Dr. Schmid em Schiedam. O primeiro *Organon* traduzido em holandês apareceu em 1827, e em 1914 aparece o primeiro hospital homeopático inaugurado em Oudenrijn (WHN, 2011b).

Jan Scolten nascido a 23 de dezembro de 1951 em Helmond, merece um especial realce. Depois de se ter formado em química e filosofia formou-se em medicina em 1983. Este é conhecido pelos seus livros *Homeopathy and the Minerals* e *Homeopathy and the Elements*, através destes escritos Scolten introduziu uma nova forma de entender os remédios minerais de acordo com a tabela periódica (Kayne, 2007).

Esta nova perspectiva da tabela periódica, está a ser usada na matéria médica homeopática (Kayne, 2007).

3.5 - Homeopatia Espanha

Um comerciante de nome Zuarte começa por praticar homeopatia no ano 1829 depois da visita Hahnemann. Em 1831 Dr. Folch começou com a prática da homeopatia em Barcelona e até 1833, muitos outros médicos fizeram o mesmo pelo resto de Espanha, em Sevilha, Madrid, Badajoz e Castela (WHN, 2011a).

Consta que em 1835 o Dr. Lopez Pinciano foi o primeiro tradutor do *Organon*, embora outros digam que foi Augustin Lopez del Bano em 1833. Foi publicado em 1845 o primeiro jornal em, a Gazeta Homeopatica de Madrid e em 1878 foi fundado em Madrid o primeiro hospital homeopático, Hospital de San Jose (WHN, 2011a).

Em 1900 e durante a Guerra Civil a homeopatia praticamente desapareceu. Voltou a mostrar interesse em medicinas alternativas em 1970, verificando-se um aumento de praticantes da homeopatia (Pacaud, 1998).

A Sociedade Espanhola de Medicina Homeopática foi fundada em 1996, para tornar a prática da homeopatia oficial. Esta é apoiada desde que seja praticada por médicos, e os produtos homeopáticos só são vendidos em farmácias (WHN, 2011a).

Capítulo IV – A Homeopatia pelo resto do mundo

A grande popularidade da homeopatia deve-se ao êxito que teve no tratamento de doenças epidémicas que passaram pelo mundo todo.

4.1 - Homeopatia na Ásia

Em 1810, um relato refere-se à existência da homeopatia introduzida por um alemão que lá estava a trabalhar numa investigação. Mais tarde, em Calcutá, na altura capital da Índia, um inglês, Mullins andava a administrar homeopatia aos pobres (Kayne, 2007).

Julian Martin Hoenigsberger era um homem muito viajado, na década de 30 do século XVIII, parou para estudar homeopatia segundo as orientações de Hahnemann. Ao regressar à Índia em 1839 foi nomeado médico da Corte de Lahore. Ficou famoso por tratar do marajá de Punjab mas sofreu na pele a rejeição dos outros médicos (Kayne, 2007).

No período de 1836 a 1867, Dr. Mahendra Lal Sircar, mais popularmente conhecido por Babu Rajen Dutta aprendeu homeopatia e tendo-a popularizado (Jagose, 2008).

O Governo central patrocina as instituições homeopáticas, encorajando assim o uso desta medicina no país. Na Índia além de publicarem uma grande variedade de livros homeopáticos também têm vários jornais e revistas, o que ajuda a divulgar ainda mais este tema (Kayne, 2007).

Na Malásia a homeopatia fica conhecida durante a Segunda Grande Guerra, através dos soldados indianos. Em 1979 começaram os ensinamentos da Faculty of Homeopathy Malaysia. Foi criada uma organização, Registered Malaysian Homeopathic Medical Practitioners Association para juntar todos os profissionais de homeopatia em 1985. Já em 1988 na Malásia existiam 4 centros médicos homeopáticos (Kayne, 2007).

4.2 - Homeopatia na América Latina

A homeopatia é praticada um pouco por toda a América Latina, no Brasil, México e Argentina.

A homeopatia no México começa a 1850, quando médicos espanhóis a ensinaram a outros colegas. Dr. Carbo em 1854 tratou 45 doentes com febre-amarela, o seu sucesso foi mais tarde recompensado pelo Presidente dando-lhe um certificado de prática de

medicina. A primeira farmácia homeopática foi criada em 1867 e em 1871 foi criado o primeiro hospital homeopático em San Miguel de Allende Guanajuato. Hoje em dia as muitas farmácias têm remédios homeopáticos e outras fabricam-no. Uma figura marcante da homeopatia mexicana é o Dr. Sanchez Ortega conhecido por publicar escritos sobre os miasmas (Kayne, 2007).

No Brasil a homeopatia já existe desde 1840, mas só como opção terapêutica aos serviços tradicionais. Só a partir dos anos 80 é que se tornou uma hipótese viável. Legalmente só médicos, cirurgiões e veterinários podem prescrever, no entanto os produtos homeopáticos podem-se adquirir em farmácias (Ullman, 1988).

Na Argentina o Dr. Eugénio Candegabe conhecido por ser o melhor homeopata sul-americano, foi membro fundador da Argentina School of Homeopathic Medicine em Buenos Aires (Candegabe et al., 2002).

4.3 - Homeopatia nos Estados Unidos da América (EUA)

A homeopatia em 1825 foi introduzida nos EUA por Hans Burch Gram (1786-1840). A homeopatia é desenvolvida em grande parte pelos emigrantes alemães foi o caso de Hering. Nasce na Alemanha estuda homeopatia e converte-se aos ensinamentos de Hahnemann. Este emigra para a América e torna-se líder da homeopatia americana. Cria em 1835 juntamente com mais médicos a primeira escola médica do mundo a ensinar homeopatia, Allentown Academy (Thomas, 2001).

Em 1844 Hering com um grupo de médicos de Boston e New York fundou o Instituto Americano de Homeopatia. A Associação Médica Americana foi fundada em 1847. Na década de 80, no século XIX havia mais de vinte faculdades homeopáticas nos EUA e todos os estados tinham uma sociedade médica da especialidade (Thomas, 2001, Kayne, 2007).

Em 1880, pouco antes da morte de Hering, foi criada a International Hahnemannian Association (IHA) que cria as suas próprias instituições de ensino censurando o que Hahnemann ensinara (Thomas, 2001).

Um dos maiores homeopatas, James Tyler Kent destacou-se como um dos profissionais homeopatas e professores nos trinta anos seguintes (Thomas, 2001).

Uma avaliação do ensino médico nos EUA fez com que muitas faculdades fechassem em 1910, sendo a maioria delas homeopáticas. Isto levou a um declínio da homeopatia nos EUA, da década de 1920 à década de 1960, mas teve uma forte recuperação desde 1970 (Thomas, 2001).

4.4 - Homeopatia na Austrália

No século XIX, na década de 40, o Dr. Albert Scholz, migrou para o sul da Austrália, levando com ele a prática da homeopatia. O número de homeopatas britânicos que exerciam em Sydney e Melbourne na década de 50 era um número reduzido (Kayne, 2007).

Nos tempos de hoje, a situação melhorou bastante e as farmácias, por toda a Austrália, observam que há mais procura de remédios homeopáticos (Kayne, 2007).

Dr. William Purdie formado na Glasgow Medical School, levou a homeopatia para a Nova Zelândia. Em 1857, foi criada uma associação Homeopática e em 1858, abriram um hospital e uma casa de venda de remédios em Auckland (Kayne, 2007).

Em 1880 a homeopatia foi reconhecida, na Lei da Farmácia, como sistema válido de medicina. A prescrição nos 80 anos a seguir diminuiu, à medida que apareciam drogas novas com um efeito imediato até 1962, foi quando houve a constituição legal da New Zealand Homeopathic Society (Kayne, 2007).

Presentemente, existem várias escolas superiores de homeopatia que dão formação a farmacêuticos e homeopatas sem qualificação médica (Kayne, 2007).

Conclusão

A homeopatia consiste num sistema que, de certo modo, se assume como medicina preventiva, e funcional, abrangendo o Homem de forma integral (mente e corpo). As raízes deste domínio da medicina e da farmácia recuam, conforme vimos, à Antiguidade Clássica nas figuras proeminentes de Hipócrates e Galeno e alguns outros que não estudamos e no renascentista Paracelso. A obra destes foi lida, reconhecida e analisada por S. Hahnemann.

Hahnemann afirma-se no mundo médico pelo seu espírito contestatário. Começando por discordar de William Cullen quando procedia à tradução do seu livro “*Matéria médica de Cullen*”. Após experiências, a que se submeteu ele próprio e das devidas explicações, esboça o princípio da semelhança que será, logo depois redefinido no “*Organon*”, e constituirá a base teórica da homeopatia, conforme vimos. Assim a homeopatia aparece e desenvolve-se através da análise aprofundada de cada caso, para a obtenção de uma prescrição simples e personalizada.

Para todos os efeitos, S. Hahnemann revela-se um médico diferente, pois contrariamente às práticas médicas e farmacêuticas de finais do século XVIII e primeira metade do século XIX, em que os tratamentos cada vez mais numerosos e diversificados, apenas admite alguns deles, propondo uma terapêutica coerente e simplificada. Sob a influência de vários terapeutas que à época são defensores de uma higiene moderna – aquilo a que chamam a higiene da vida, assente no regime alimentar, no exercício físico e no ar puro, como fundamentais à preservação da saúde, Hahnemann aconselha igualmente que se usem banhos frios com objetivo terapêutico. Em paralelo, defende o princípio da diluição, pensando não prejudicar desse modo o organismo humano.

O seu método é contestado pelos médicos, porque recusa os tratamentos tóxicos e apresenta «novas» soluções para velhos problemas e uma perspetiva do tratamento da doença inovadoras. As ideias de S. Hahnemann são revolucionárias, quanto à higiene, à ação médica da natureza, mostrando ser já um adepto da medicina experimental.

Posteriormente à sua morte, a homeopatia estava firmemente implantada em muitos países espalhados pelo mundo, conforme demonstramos.

A tal ponto que a homeopatia se veio a revelar, desde finais do século XVIII e durante o século XIX, muito popular entre as classes instruídas e mais altas da sociedade, também

gozava de boa reputação entre os mais pobres, devido à existência de dispensários homeopáticos gratuitos em muitas cidades europeias.

Apesar do seu começo difícil, a homeopatia conseguiu desenvolver-se graças à grande energia de Hahnemann e dos seus partidários. Assim enquanto foi vivo Hahnemann participou arduamente na difusão da sua terapêutica por todo mundo (Ullman, 1988).

Mas a razão mais importante de tão grande popularidade da homeopatia deve-se ao êxito no tratamento de várias doenças epidémicas que grassaram a América e a Europa no século XIX, conforme vimos.

A prática da homeopatia, bem como a utilização dos produtos tem maior expressão em países como a Alemanha, França, Estados Unidos da América, Canadá e Brasil, sendo que a disseminação dos conhecimentos faz-se de forma mais rápida devido à globalização e ao fácil acesso à informação. Na atualidade, a popularidade da homeopatia continua a expandir-se, mostrando, um renascimento considerável e uma adesão cada vez maior entre as populações, designadamente, do mundo ocidental.

Pode concluir-se que, apesar da polémica em volta do funcionamento dos medicamentos homeopáticos, importa referenciar que os fundamentos teóricos da homeopatia tendem a ser de importância secundária para os utentes, que veem os medicamentos apenas na perspectiva do seu resultado, negligenciando o conhecimento dos seus princípios ativos. Para nós que somos profissionais de Farmácia esta é uma das questões essenciais na equação doença-terapêutica e, especialmente, foi esse o principal motivo que nos impeliu a conhecer aprofundadamente os fundamentos práticos e teóricos e a evolução recente desta disciplina.

Referências

- ACL 2001. Academia das Ciências de Lisboa (ACL) e Fundação Calouste Gulbenkian. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Editorial Verbo.
- ADLER, R. E. 2006. *Médicos Revolucionários*, Rio de Janeiro, Ediouro Publicações.
- ALEX, P. 2009. Birthplace of homeopathy: Hahnemann's house in Torgau, then and now. *International Journal of High Dilution Research*, 8, pp.70-79.
- ARAÚJO, Y. L. M. D. M. 2005. Heterodoxias da Arte de Curar portuguesa de oitocentos - o caso da homeopatia. *Revista da Faculdade de Letras*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp.152-167
- BLACK, F. 1843. On the preservative of belladonna in scarlet fever. *British Journal of Homeopathy* I, pp.129-141.
- CÂMARA, F. P. 1994. Paracelso e a Homeopatia. *Homeopatia Brasileira*. Rio de Janeiro.
- CAMPBELL, A. 2008. *Homeopathy in Perspective*, Raleigh, Lulu.
- CANDEGABE, M., DESCHAMPS, I. & KIER, E. 2002. *Bases y Fundamentos de la Doctrina y la Clínica Médica Homeopáticas*, Buenos Aires, Editorial Kier.
- CHEMOUNY, B. 2001. *O livro da Homeopatia - Um guia prático para o uso familiar*, Lisboa, Cetop.
- COULAMY, A. S., ALAIN 2005. Historique de la plus ancienne société médicale homéopathique en France: la Société française d'homéopathie. *Homéopathie Européenne*, pp.4-5.
- EDLER, F. C. 2006. *Boticas & Pharmacias: Uma Historia Ilustrada Da Farmacia No Brasil*, Rio de Janeiro, Casa da Palavra.

- ERNST, E. & SINGH, S. 2008. *Trick or Treatment: The Undeniable Facts about Alternative Medicine*, London, W. W. Norton.
- FERRO, A. & ABREU, C. 2012. *A saúde e a homeopatia*, Edições Mahatma.
- FILHO, H. V. 2005. *Fitoterapia Em Cinco Movimentos*, São Paulo, Sinte - Sindicato dos Terapeutas.
- FISHER, P. & WARD, A. 1994. Complementary medicine in Europe. *BMJ*, 309, pp.107-111.
- FONTES, O. L. 2005. *Farmácia homeopática: teoria e prática*, São Paulo, Editora Manole, Ltda.
- GERBER, R. 1995. *MEDICINA VIBRACIONAL - UMA MEDICINA PARA O FUTURO*, São Paulo, Editora Cultrix.
- GONSALVES, P. E. 1989. *Medicinas alternativas: os tratamentos não-convencionais*, São Paulo, Instituição Brasileira de Difusão Cultural Ltda.
- HAEHL, R. 1992. *Samuel Hahnemann, His Life and Work*, London, Publishing Co.
- HOELLER, S. A. 1991. *Gnose de Jung, a: e os sete sermoes aos mortos*, São Paulo, Editora Cultrix.
- INHF, P. 2010. *200 ans d'histoire* [Online]. <http://www.inhfparis.com/homeopathie-uniciste/hom%C3%A9opathie-uniciste-classique>. [Accessed 22 de Setembro 2012].
- INTERFARMA 1994. Homeopatia e a Farmácia. *Interfarma*. Porto.
- JAGOSE, A. 2008. *History of Homeopathy in India* [Online]. <http://hpathy.com/past-present/history-of-homeopathy-in-india/>: Hpathy Ezine. [Accessed 22 de Setembro 2012].

- JOFRE, S. 2001. A Homeopatia em Portugal. *OFFARME Farmácia & Sociedade* Lisboa, 84, pp.18-20.
- KAYNE, S. B. 2007. *Homeopatia - Aspectos científicos, métodos e farmacêuticos*, Loures, Lusodidacta.
- LOCKIE, A. 2000. *Enciclopedia de Homeopatia - Guia prático: de remédios homeopáticos*, Porto, Libraria Civilização Editora.
- LOCKIE, A. 2001. *Manual de terapias naturais - Homeopatia*, Porto, Livraria Civilização Editora.
- MEYER, É. 2008. *Enciclopédia familiar de homeopatia*, Estoril, Bodywell S.A.
- MITCHEL, G. R. 1975. *Homeopathy*, London, WA Allen.
- MORRELL, P. 2000. *A History of Homoeopathy in Britain* [Online]. http://www.homeoint.org/morrell/articles/pm_brita.htm. [Accessed 20 de Setembro 2012].
- PACAUD, G. 1998. *Trate-se a si mesmo pela homeopatia*, Mem Martins, Gráfica Europam.
- PORTO, P. A. 1995. *Van Helmont e o conceito de gás: química e medicina no século XVII*, São Paulo, EDUC.
- PRISTA, L. N., ALVES, A. C., MORGADO, R. & LOBO, J. M. S. 2002. *Tecnologia Farmacêutica* Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- SAID, J. D. & MOREIRA, M. C. N. 2000. Medicina Baseada em Evidências - ceticismo terapêutico, recorrência e história. *Physis: Rev. Saúde Coletiva*, 10, pp.11-38.
- SANTOS, J. M. 1989. A Homeopatia em Portugal. *Farmácia Portuguesa*. Lisboa: Farmácia Portuguesa, 55, pp.34-35.

- SAUNDERS, T. 2002. *Sua Saúde e o Ambiente que Construimos*, São Paulo, Editora Cultrix.
- SHARMA, C. H. 1985. *Manual de Homeopatia E Medicina Natural*, São Paulo, CULTRIX.
- SHP. 2012. *História da Homeopatia* [Online]. <http://www.homeopatiaportugal.org/paginas/historia.htm>: Sociedade Homeopática de Portugal. [Accessed 6 de Setembro 2012].
- SILVA, F. R., CRUZ, M. A., RIBEIRO, J. M. & OSSWALD, H. 2004. *Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- SILVA, P. 1999. Fitoterapia e Homeopatia: a via científica. *Farmacia Distribuição*. 97 ed. Lisboa: Hollyfar – Marcas e Comunicação, Lda.
- THOMAS, P. 2001. Homeopathy in the USA. *Br Homeopath J*, 90, pp.99-103.
- TINER, J. H. 2004. *100 Cientistas Que Mudaram a Historia Do Mundo*, Rio de Janeiro, Prestígio.
- ULLMAN, D. 1988. *Homeopatia - Medicina para o seculo XXI*, São Paulo, Editora Cultrix.
- WHN. 2011a. *Homeopathy in Spain* [Online]. http://www.wholehealthnow.com/homeopathy_pro/spain.html: Whole Health Now. [Accessed 23 de Setembro 2012].
- WHN. 2011b. *Homeopathy in The Netherlands* [Online]. http://www.wholehealthnow.com/homeopathy_pro/netherlands.html: Whole Health Now. [Accessed 23 de Setembro 2012].
- WHORTON, J. C. 2004. *Nature Cures: The History of Alternative Medicine in America*, Oxford University Press, USA.